



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

**CORRECÇÕES**

Resposta ao artigo publicado na «Independencia» da Povoação de Varzim sob o titulo «correções»

( Continuado do n.º 1 )

As canções viajam transformando-se sempre com alterações leves, e senão veja-se o que diz o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alberto Pimentel n'um fervoroso artigo sobre a cultura das nossas tradições populares, o qual tem por titulo *Cancioneiro do Herminio*, principiando assim:

«As canções teem azas como os passaros. Voam de povoação em povoação, perpetuando-se pela tradição *oral* tanto ao norte como ao sul, ao oriente como ao occidente de um paiz. Assim, uma trova do Algarve, a da *Engeitada* por exemplo, tem corrido todo o Portugal do sul para o norte, e é conhecida no Douro, onde já por mais de uma vez a ouvimos cantar.

«Todavia, as canções das regiões montanhosas, como a ser-

ra da Estrella, não ajejam facilmente para além dos seus alcançatís nataes. Aninham nos pincairos como as aguias, e como as montanhas alpestres são pouco accessiveis ao trato humano, como só raro viajante extranho as visita, succede que o cançoneiro das montanhas é ordinariamente pouco conhecido.»

Não será preciso gastar mais tempo, para demonstrar ao snr. Landolt o quanto se enganou na sua critica: o snr. Alberto Pimentel e o extincto poeta Antonio Fogaça tomam parte na nossa desafrona como nossos advogados.

Não se melindre pois o snr. Landolt com estes cavacos porque desejamos dar a Cezar o que é de Cezar, e em outros artigos que em seguida a este publicaremos mostrar-lhe-hemos que quem tem telhados de vidro não deve atirar pedras ao do visinho, como diz a cantiga popular que encima este nosso artigo de hoje.

Mas continuemos com mais dous dedos de cavaco para fecharmos este primeiro artigo.

Voltemos á canção n.º 16 que a queremos ver outra vez; a caprichosa canção diz assim:

Oh! Anninha, minha Anninha,  
Oh! Anninha da varanda;  
E's uma carta fechada,  
Onde o meu coração anda.

Em uma collecção de poesias populares da Beira Alta, colhidas por um snr. A. F. que não temos o gosto nem a honra de conhecer, vem uma cantiga que diz assim:

Oh! Anninhas, oh! Anninhas  
Oh! Anninhas da Varanda;  
E's o sentido fechado,  
Onde meu coração anda.

No mesmo *Cancioneiro da Beira Alta* vem uma cantiga muito usada em Espozende; diz o snr. A. F. :

Atirei uma azeitona,  
A' menina da janella;  
Azeitona cabiu dentro,  
A menina quem m'a dera.

Aqui canta-se esta mesma canção exacta, porque veio até aqui de passeio sem soffrer a menor modificação, por isso inibenos de a transcrever.

Termina este cancionero com uma canção muito popular, e que temos registrada na nossa carteira de apontamentos, a qual tambem vamos apresentar, isto para se ver a relação que existe entre a nossa e a que se canta na Beira alta. Diz elle:

Sei um sacco de cantigas  
E mais uma taleigada;  
Se as canto todas hoje  
A'manhã não canto nada.

Em Espozende canta-se:

.....  
.....  
Se as canto todas hoje  
P'ra manhã não fica nada.

Eis aqui a nossa primeira mostra que, em outros artigos tendentes a demonstrar a nossa defeza, faremos por mostrar mais claramente ao snr. Landolt que nunca nos namorou a ideia de menos respeitadores.

Creia que havemos de nos desagrarar conforme o pede a linguagem virolenta das suas *correccões*.

(*Continúa*)

*José da Silva Vieira.*



## OS ESTUDANTES E O ALMOCREVE

(*Conto popular*)

Era uma vez um almocreve que vinha de certa parte com uma besta carregada, trazendo-a pela arriata; um maganão de um estudante (que nunca se lembram de boa cousa) não avezando nem real, lembrou-se de ir á estrada por onde elle passava e roubar o animal ao almocreve.

Como não podesse, porem, por si só fazer este serviço convidou então um seu collega ao qual disse: nós vamos roubar a besta d'aquelle almocreve e vendela á feira de tal. Mas como havemos nós de lh'a roubar? perguntava o outro. Roubamol-a bem: o almocreve vae a dormir, (porque quasi todos os almocre-

ves dormem a andar); eu vou ao burro e tiro-lhe a cabeçada e metoa na minha cabeça; tu pegas no burro e vaes para tal sitio; e eu, levado pela mesma arriata, acompanho o homem servindo de seu burro, até que tú possas chegar á distancia conveniente com a azemola. Assim foi. O estudante aproximou-se do almocreve, tirou ao animal a cabeçada e pol'a na cabeça, seguindo atraz do almocreve até dar tempo ao outro fugir com o burro, e, assim que viu que tinha dado o tempo sufficiente para o outro estar no sitio designado, começou a puchar pela corda para traz, a qual o almocreve levava mal preza no hombro esquerdo. O estudante tantas puchadellas deu que o almocreve accordou e olhou para traz, viu o animal transformado em creatura humana e ficou todo assustado, dizendo-lhe o estudante:— «Não te assustes, meu homem, eu ha muito que ando penando em forma de animal, hoje quebrou-se-me o meu fadario e tornei ao meu natural; bem sei que desde que me compraste tens commigo já ganho muito dinheiro e por isso tem paciencia.»

O almocreve ficou-se e disse: «Vae-te com Deus.» Isto mesmo foi o que o estudante quiz ouvir pondo-se logo a caminho para onde tinha mandado sahir o outro. Chegando ao sitio onde estava o animal e o segundo estudante, disse-lhe:—sahi-me bem, agora vamos vendel-a á feira de tal, ao que o outro anuiu; pozeram-se a caminho e no dia seguinte estavam na feira, e, depois de muitos compradores lhes

fallarem no animal, chegou o almocreve a quem elles a tinham roubado, que, como estava sem animal para o seu mister, precisava comprar outro, tanto que começou a olhar para elle por todos os lados e depois de o mirar bem, disse aos outros compradores que alli estavam apontando para o animal:—«Quem quizer que te compre, qu'eu de mim já te conheço».

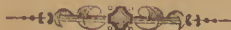
Em seguida retirou-se.

O homem teve medo de comprar o animal e elle se lhe tornou a transformar em homem, por isso não o quiz.

Porem nós diremos: que quem o contou está aqui, quem quizer vá lá sabello.

(Recolhido em Barcellos)

*José da Silva Vieira.*



## Os doze mezes do anno, e seus dictados topicos

**Janeiro**, febras de carneiro (Barcellos).

—Calças brancas em janeiro è signal de pouco dinheiro. (B.)

—A pescada em janeiro vale carne de carneiro. (Espozende)

—Em janeiro sobe ao outeiro, se vires verdejar põe-te a chorar. (B.)

—O luar de janeiro è muito gaitero (B.)

**Fevereiro**, febras de cão (Espoz.)

—Fevereiro, matou a mãe ao soalheiro. (Espoz.)

—Fevereiro quente traz o diabo no ventre. (B.)

**Março**, por onde quer eu passo. (B.)

—Março garço, por onde quer eu passo. (Espoz.)

**Abril**, aguas mil. (B.) (1)

—Em abril, queima a velha o carro e o carril. (B.)

—Em abril queima-se o carro e o carril, vae a velha onde hade ir, e vem dormir ao seu colil. (Espoz.)

—A sardinha em abril pega n'ella na mão e deixa-a ir. (Esp.)

**Maió**, cerejas ao borralho. (B.)

—Fracó é o maió que não rompe uma caroça. (B.)

—Raia em maió, tumba a porta. (Espoz.) (2)

—Maió, mez das cerejas. (B.)

—De maió para abril, não vae que rir. (Espoz.)

—Maió é tólo. (Espoz.)

—Quem em maió não merenda, aos defuntos se encomenda. (Espoz.)

**Junho (mez do S. João)**

—Junho, fouchinha no punho. (B.) (3)

—Chuva pelo S. João, quita o vinho e dá muito pão. (freg. de S. Martinho). (B.)

—A sardinha no S. João, pinga no pão. (Espoz.) (vid. nota 2.<sup>a</sup>)

**Julho, (S. Thiago)**

—Pelo S. Thiago, pinta o vago. (B.)

—O trigo em julho, ganha gorgulho (Espoz.)

(1) Em Espozende diz-se o mesmo.

(2) E' porque a raia em maió está muito gorda.

(3) Em Espozende diz-se o mesmo.

**Agosto**, vinho môsto. (B.)

—Agosto, frio no rôsto. (Esp.)

**Setembro**, colhendo e comendo. (B.)

**Outubro**, recolhe tudo. (B.)

**Novembro**

—Trinta dias tem Novembro

Abril, Junho e Setembro,

Vinte e oito terá um

E todos mais trinta e um.

**Dezembro (mez do Natal)**

—Quem quizer bom ervilhal é semeal-o pelo Natal. (B.)

Espozende.

*José da Silva Vieira.*

## Cantos populares do Douro

No jardim da Cordoaria  
Ha coisas muito *lendinhas*,  
Os guitas com as sopeiras,  
Ora toma, Mariquinhas.

Lá na praça da Ribeira,  
Onde salgam as sardinhas,  
Lá já sabem quem tu és,  
Ora toma, Mariquinhas.

Em casa da minha gente  
Tudo são brincadeirinhas,  
Brinca o pae, brinca a mãe,  
Ora toma, Mariquinhas.

## ADVINHA POPULAR

Mais veloz que ninguem.  
Sou linda como as estrellas.  
Sem ser nau, ando com vellas.  
De graça todos me tem,  
Sou origem das janellas.

—LUZ—

*José d'Oliveira e Araujo.*